

Ofício nº 03/2021

Ao Sr. Alberto Portugal

A Associação para Preservação do Patrimônio Cultural e Natural (APPAC), com anuência dos seus membros, vem por meio deste ofício solicitar a inscrição do imóvel 'Casa Amarela' - Rua Teodoro Rosas nº 16 -, na categoria de imóveis Inventariados do Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Ponta Grossa.

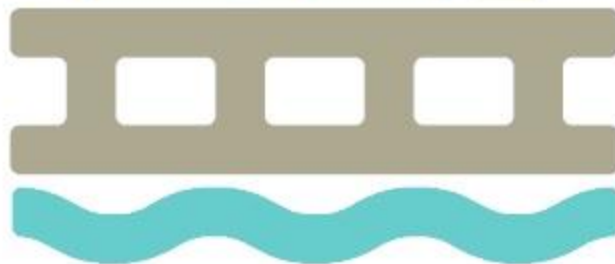
O pedido se justifica pela originalidade arquitetônica, pelo 'saber fazer' construtivo dos imigrantes e pelo exemplar raro, em boas condições, dessa casa de madeira do início do século XX.

O referido pedido é amparado pelo Programa Municipal de Salvaguarda de Bens Culturais de Ponta Grossa no âmbito da Fundação Municipal de Cultura que tem o objetivo de valorizar a memória e o Patrimônio Cultural da cidade.

Anexamos ao pedido, para vossa apreciação, a descrição histórica da Casa Amarela, bem como a sua descrição arquitetônica.

Certos de podermos contar com a vossa atenção, antecipadamente agradecemos.

Ponta Grossa, 23 de julho de 2021.




Leonel Brizolla Monastirsky
Presidente da APPAC - Gestão 2021/2022

Sr. Alberto Portugal
Diretor da Fundação Cultural
Prefeitura Municipal de Ponta Grossa

Histórico da Casa Amarela

A Casa Amarela (Rua Teodoro Rosas nº 16), residência de madeira, localizada na área central de Ponta Grossa, caracteriza-se como um dos melhores exemplos da arquitetura de casas de madeira do Brasil, sobretudo do estado do Paraná, que ainda se encontram em boas condições construtivas.

No auge da arquitetura de madeira no Paraná, a do “Eldorado” (ZANI, 2003), tem-se o refinamento de acabamentos, composição e técnica construtiva. Isso começa a ser percebido inicialmente nas obras comunitárias, tais como capelas, clubes e escolas, em que o conhecimento dos diversos carpinteiros de vários lugares passa a se fundir. Na sequência, tal refinamento aparece também nas edificações residenciais, sobretudo, naquelas da elite de então. Coexistiam nesta fase, ainda segundo o mesmo autor, dois fatores fundamentais: a matéria prima abundante e a mão de obra especializada. A variedade de técnicas construtivas provenientes de diferentes povos e culturas e a grande quantidade de madeira produziu uma arquitetura singular, nomeada por Imaguire (1993) como “Casa de Araucária”. (FERRARI, p.21, 2020).

Neste contexto, a preservação das casas de madeira é urgente. São consideradas patrimônios culturais e, neste caso da Casa Amarela, a intenção de preservação (registro no inventário do COMPAC para futuro tombamento) se justifica pelos seguintes argumentos:

- 1- Marca uma época em que a cidade de Ponta Grossa, no seu quadro urbano, possuía residências que tinham características de Vila: agregavam ao seu espaço residencial, jardins, pomar, poço, quintal, estrutura para a criação de animais domésticos, entre outros.
- 2- A Casa é preservada ainda na sua estrutura original, quer dizer, a casa deve possuir por volta de 100 anos.
- 3- A Casa mantém características históricas de típica residência interiorana e que qualifica a presença dos imigrantes.
- 4- A Casa possui história e memória, tanto dos seus construtores e moradores, quanto da região que se encontra. (Anexo 1).
- 5- A Casa apresenta técnicas construtivas que qualifica o ‘saber fazer’ da carpintaria imigrante. (Anexo 2).
- 6- A Casa está próxima ao quadrilátero histórico definido pela Prefeitura de Ponta Grossa como área de preservação histórica.

ANEXO 1 - INFORMAÇÕES HISTÓRICAS

- Dados históricos retirados do Álbum do Paraná de 1926 – Edição Alusiva a Ponta Grossa

Relata o referido Álbum que “a famosa cidade de Ponta Grossa, não tem um grande número de logradouros públicos, mas possui parques amenos e aprazíveis onde a comunidade pode descansar e divertir seu espírito das angústias da luta pela existência”.

Tal citação se refere ao parque organizado pelo Capitão Luiz Silva (Chácara Labor), que atualmente, em função da expansão urbana, restringe-se a bela Casa Amarela, com a sua construção intacta e o seu harmonioso e elegante jardim.

Biografia do Capitão Luiz Silva

Luiz Silva é natural de Guarapuava e filho do Sr. João José Fernandes da Silva e Sra. Dona Rita Fernandes da Silva. Nascido em 30 de setembro de 1856, foi casado com a Sra. Dona Maria Capote e Silva com quem teve 12 filhos.

Quando veio residir em Ponta Grossa, dedicou-se ao comércio e instalou na cidade uma confeitaria e criou a “Chácara Labor”. O Capitão participou ativamente da vida administrativa em Ponta Grossa: exerceu o cargo de tesoureiro municipal e prestou serviços sucessivos às administrações dos prefeitos Cel. Ernesto Villela, Cel. Theodoro Rosa, Dr. Abrahão Glasser e Cap. Brásio Ribas.

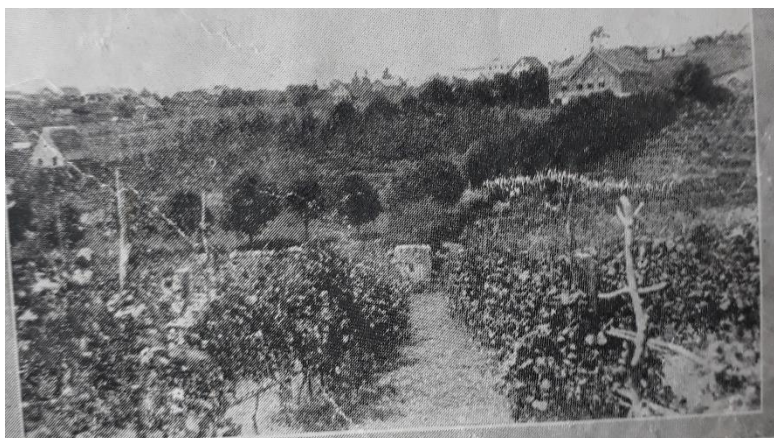
APPAC



Chácara Labor

A Chácara Labor era uma modesta designação de um parque pitoresco que possuía um opulento pomar. Segundo o Álbum citado, na Chácara o visitante encontrava muitas frutas nacionais e estrangeiras, da maçã à uva mais fina. “O gosto artístico que presidiu a formação do bello parque é notável e inovidavel é o acolhimento cavalheiresco que a todos dispensam o Capitão Luiz Silva e sua exma. Família”.

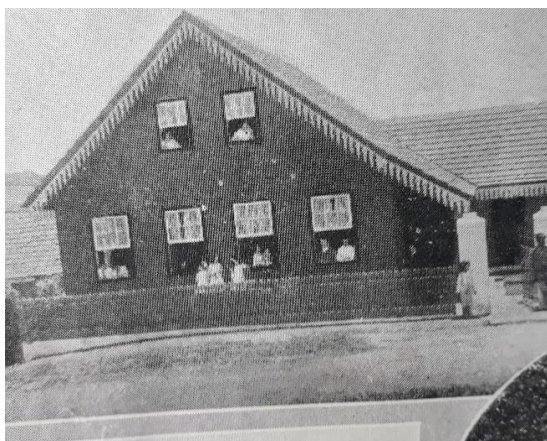




O Capitão conseguiu dotar Ponta Grossa de um belo Parque que era cortado pelo arroio Pilão de Pedra e, junto ao mesmo, se encontra a aprazível Villa Luiz Silva, muito desenvolvida, estendendo a cidade que foi aos poucos aumentando a sua vida urbana.



A família morou e manteve a propriedade por muitos anos. No entanto, com o crescimento da área urbana, a propriedade foi paulatinamente adquirida pelo Governo Municipal para a implantação de novas ruas e do alargamento de outras. O avanço da zona urbana também provocou a canalização do arroio Pilão de Pedra.



Na década de 1970, a hoje conhecida como Casa Amarela foi adquirida pela família de Mercedes Gaspar Chemin, que manteve durante por quase 60 anos as características arquitetônicas e de utilização do espaço.



ANEXO 2 - Descrição Arquitetônica

As casas de madeira foram nomeadas 'Casas da Araucária' pelo Prof. Key¹, estudioso deste tipo de arquitetura. As casas de madeira eram muito comuns na região sul do Brasil, notadamente no estado do Paraná (cidades como Irati no Paraná e Canoinhas em Santa Catarina, possuem acervos admiráveis dessas casas). A região dos Campos Gerais aliou inúmeras facilidades para a construção das casas de madeira: i) havia grande quantidade de matéria prima (na época considerada inesgotável e de fácil acesso); ii) havia na região e em Ponta grossa grande quantidade de serrarias; iii) havia a disponibilidade de mão de obra de qualidade, devido ao processo migratório no Paraná; iv) havia a modulação das peças (vigas, tábuas, ripas etc.), que possibilitou um sistema construtivo simples e aberto.

Este sistema construtivo foi muito difundido no Paraná e Sul do Brasil, pois não havia barreiras sociais para a obtenção da mesma matéria prima (construíam-se com araucária casas para ricos e pobres). O que diferenciava as classes eram o tamanho e o acabamento das construções. Até a metade do século XX era o tipo mais comum de arquitetura vernacular e foi utilizada até o esgotamento das reservas naturais, que marca o fim desta arquitetura.

O sistema construtivo da Casa Amarela é simples, a fundação consiste em uma base de pedra e, sobre esta, um pilarete em alvenaria de tijolos maciços e seis bitolas de madeira, extraídas industrialmente das serrarias. Esta fundação normalmente mede quarenta e cinco centímetros em ambos os lados, ou seja, um tijolo e meio, por uma altura de aproximadamente sessenta centímetros. O vão entre os pilaretes variava, em média, de dois a quatro metros e estão localizados sobre o ponto de apoio das estruturas. Este espaço entre o chão da casa e o solo é necessário para a ventilação sob o assoalho, o que impede que a umidade danifique a madeira. O vão entre o assoalho e o terreno, como na maioria dos casos, é vedado verticalmente para impedir a entrada de animais e neste caso utiliza-se de cobogós de tijolos ou vedação com alvenaria, sendo a ventilação feita com gradeiras, com grades de ferro.

¹ Key Imaguire Júnior

Doutor em História pela UFPR, Professor de Arquitetura Brasileira e Patrimônio Cultural do Curso de Arquitetura e Urbanismo de 1974 a 2010. Idealizador da Gibiteca de Curitiba.

As peças de baldrame recebem, na face externa, a parte inferior das tábuas de vedação e, na superior, os esteios e assoalhos. Os esteios são as peças que recebem o esforço vertical, sendo estes colocados nos ângulos do encontro das paredes. Apoiado sobre os esteios e encaixados neles vem a peça chamada de frechal, fechando o quadro superior da gaiola. O quadro inferior composto pela peça de baldrame, sendo ambos os quadros travados pelas tábuas que formam a parede. Na extremidade superior do frechal são apoiadas as tesouras do telhado.

A cobertura apresenta telhado de duas águas e uma água furtada, o que possibilita um espaço livre que é destinado ao sótão, lugar para quartos. Os telhados são confeccionados por tesouras com um travamento horizontal, chamado linha alta. Os beirais têm oitenta centímetros de projeção e recebem lambrequins para proteger o topo dos caibros e, também, têm função de pingadeira.

A cobertura de duas águas forma uma parede triangular denominada oitão, que possui um deslocamento em relação à parede da casa, formando uma pingadeira. Este recurso, além de ter uma função construtiva, é também estético. As paredes são confeccionadas de tábuas, com secção de trinta por dois centímetros e meio, e é de trinta a modulação da casa. Esta é usada no sentido vertical das fibras, favorecendo o escoamento das águas da chuva. O fechamento do vão entre as tábuas é feito com o mata-juntas na face interna e externa (conhecido sarrafo). O mata-junta também possibilita a maior flexibilidade na modulação, permitindo ajustes. Com isto evita-se o corte transversal da tábua. As janelas e portas são inseridas dentro da lógica modular de trinta centímetros, apoiando-se diretamente sobre as tábuas sem a necessidade de pilares. São compostas por duas folhas de abrir na face frontal e tipo guilhotina para as faces laterais e sótão.

A casa possui forro com tábuas que, na verdade, são também o piso do sótão. O acabamento entre o forro e a parede é feito por uma peça de madeira chamada meia-cana.

O jardim da casa acompanha a beleza da construção. É harmoniosa a continuidade da varanda da casa em direção ao jardim (formado de árvores com sobras, bancos e gramíneas).